

Paris: dívida em estudo

por Mário de Almeida de Paris

(Continuação da 19 página)

A reunião do Clube de Paris foi marcada na véspera de um encontro mais importante entre os ministros de Finanças do mundo desenvolvido, o do Grupo dos Dez, verdadeiro centro de poder no FMI, que vai preparar a agenda da próxima assembléia do Fundo, marcada para o final deste mês, em Washington.

O Grupo dos Dez — na verdade onze países com a inclusão da Suíça na qualidade de observadora, enquanto aguarda seu ingresso efetivo no Fundo — não chegou a um acordo em sua última reunião, no início de julho passado, a respeito do pedido de dinheiro novo para o próximo ano que lhe foi encaminhado pelo diretor-gerente, Jacques de Larosière.

Como o FMI já articulou uma operação no mercado financeiro privado, de US\$ 3 bilhões, a metade do problema está resolvida (ver página 2). A Alemanha Ocidental se manifestará relutante nas discussões de julho sobre essa incursão do Fundo aos bancos, mas aparentemente retirou o seu veto.

De Larosière havia pedido US\$ 8 bilhões para cobrir tanto a falta do habitual empréstimo anual de US\$ 4 bilhões da Arábia Saudita quanto a demanda de recursos a curto prazo pelos países subdesenvolvidos em crise. Agora, os países ricos e a direção do FMI, puseram-se de acordo e o montante exato do rombo foi orçado em US\$ 5 bilhões. Após o negócio com os bancos privados, o Grupo dos Dez terá de arumar só US\$ 2 bilhões.

Paris: dívida em estudo

por Mário de Almeida de Paris

O Clube de Paris começa a discutir o refinanciamento da dívida brasileira na próxima quarta-feira. Pela tradição, o devedor não participa desta primeira reunião, quando os representantes dos dezesseis países credores de empréstimos com garantia oficial ao Brasil devem examinar a carta que o ministro Delfim Netto entregou em meados de agosto, comunicando a impossibilidade de pagar juros e principal até o final de 1984 e pedindo prazo.

A proposta brasileira fala no refinanciamento de cerca de US\$ 2 bilhões por oito anos, com três de carência. Em tese, cada membro do Clube de Paris teria de preparar uma resposta individual, cujo teor seria harmonizado num único documento pelo coordenador do grupo, Michel Camdessus, francês, número dois do Ministério das Finanças e principal negociador, pelo seu governo, da maioria dos empréstimos de seu país que estão sendo agora adiados.

O grande número de devedores em atraso nos últimos anos produziu, contudo, uma solução padronizada, que será apresentada ao ministro da Fazenda brasileiro, Ernane Galvêas, na segunda reunião, marcada para 15 de outubro, sempre em Paris. Por essa fórmula, o Brasil vai amortizar os US\$ 2 bilhões incluídos na atual rodada de negociações em cinco anos e meio, com dois e



Jacques Delors

meio de carência e juros de 1,875% acima da taxa interbancária de Londres (Libor).

O início efetivo das consultas entre os membros do Clube atingidos pela suspensão de pagamentos decretada pelo governo brasileiro não significa que os países industrializados dispensam a prévia conclusão dos entendimentos com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Ao revelar a pauta do próximo encontro do Clube de Paris, numa conversa informal com os jornalistas, ontem de manhã, o ministro das Finanças francês, Jacques Delors, insistiu que ao receberem o ministro Galvêas, em meados de outubro, os países credores já estarão seguros de que o Brasil se compôs com o Fundo.

(Continua na página 12)